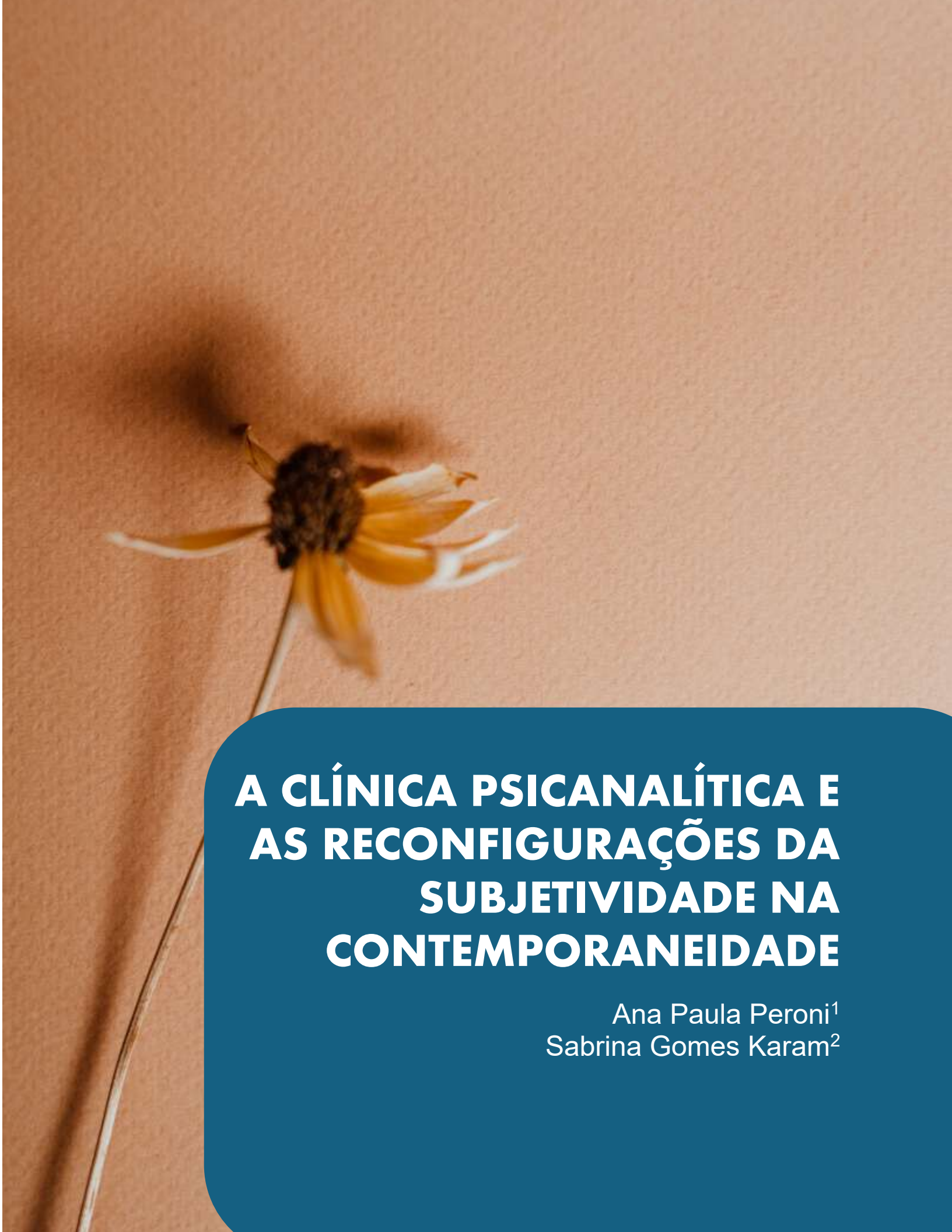

A CLÍNICA PSICANALÍTICA E AS RECONFIGURAÇÕES DA SUBJETIVIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

Ana Paula Peroni[1]
Sabrina Gomes Karam[2]

RESUMO

O artigo analisa os efeitos das transformações sociais e tecnológicas contemporâneas sobre a subjetividade e os desafios impostos à clínica psicanalítica. Em determinados contextos marcados pela virtualização da experiência e pela lógica performática, surgem novas formas de sofrimento psíquico, frequentemente associadas à intensificação de dinâmicas imaginárias, à fragilização de mediações simbólicas e à incidência de imperativos de gozo. O objetivo é compreender como essas manifestações se articulam às configurações atuais do laço social e às formas de subjetivação contemporâneas. Trata-se de uma revisão narrativa de literatura, de abordagem teórico-qualitativa, fundamentada na psicanálise freudiana e lacaniana e em produções contemporâneas das ciências humanas que problematizam as relações entre sujeito, cultura e tecnologia. Os resultados indicam a emergência de sintomas associados ao esgotamento, à hiperexposição e a experiências de instabilidade identitária, sem que isso implique uma substituição homogênea das formas clássicas de sofrimento. Conclui-se que a clínica psicanalítica, nesse cenário, revela-se como espaço de resistência, ao sustentar o tempo da fala, a escuta da singularidade e a possibilidade de elaboração frente às exigências contemporâneas.

PALAVRAS-CHAVE: Psicanálise; Sofrimento psíquico; Subjetividade contemporânea

THE PSYCHOANALYTIC CLINIC AND CONTEMPORARY RECONFIGURATIONS OF SUBJECTIVITY

ABSTRACT

This article analyzes the effects of contemporary social and technological transformations on subjectivity and the challenges they pose to the psychoanalytic clinic. In certain contexts marked by the virtualization of experience and a performative logic, new forms of psychic suffering emerge, frequently associated with the intensification of imaginary dynamics, the weakening of symbolic mediations, and the incidence of imperatives of jouissance. The aim is to understand how these manifestations articulate with current configurations of the social bond and contemporary forms of subjectivation. This is a narrative literature review of a theoretical-qualitative nature, grounded in Freudian and Lacanian psychoanalysis and in contemporary productions from the human sciences that problematize the relationships between subject, culture, and technology. The results indicate the emergence of symptoms associated with exhaustion, hyperexposure, and experiences of identity instability, without implying a homogeneous replacement of classical forms of suffering. It is concluded that, in this scenario, the psychoanalytic clinic reveals itself as a space of resistance by sustaining the time of speech, the listening to singularity, and the possibility of elaboration in the face of contemporary demands.

Keywords: Contemporary subjectivity; Psychoanalysis; Psychic suffering.

1 INTRODUÇÃO

A contemporaneidade é palco de transformações intensas nas esferas política, sociocultural, econômica, moral e científica. Essas mudanças, acumuladas ao longo de décadas, impulsionaram o desenvolvimento de novas tecnologias, que agora retroalimentam e aceleram esse processo. Tal dinâmica pode exercer uma influência significativa na construção da experiência subjetiva dos sujeitos, moldando suas percepções e interações com o mundo.

Nesse contexto, a sociedade contemporânea, atravessada pela tecnologia e pelos imperativos do sistema capitalista, tende a organizar amplos domínios da vida segundo a lógica da eficiência produtiva e da busca por resultados.

Entretanto, tal racionalidade encontra limites na própria estrutura do sujeito, marcada pela divisão e pelo inconsciente, o que impede sua totalização e introduz descontinuidades entre os ideais sociais e a experiência subjetiva. Autores como Lipovetsky (2005) destacam a intensificação da busca por gratificação imediata, enquanto Kallas (2016) propõe compreender o ambiente virtual como uma vitrine das transformações do modo de vida contemporâneo, marcada pela valorização da visibilidade e da conectividade constante.

Tais transformações da sociedade, impulsionadas pela tecnologia e pela lógica da eficiência capitalista, têm gerado novas formas de mal-estar no sujeito, as quais devem ser compreendidas, primordialmente, na relação do sujeito com o contexto sócio-histórico em que se encontra.

Conforme aponta Lacan (1953/1998), não se deve fazer uso da psicanálise caso não seja possível “alcançar, em seu horizonte, a subjetividade de sua época". Nessa direção, Sadala e Santos (2022) ressaltam que a configuração da sociedade atual tem despertado interesse, dada a incidência de modos de subjetivação que representam um verdadeiro desafio para aqueles que se dedicam à escuta do sofrimento psíquico.

No mesmo sentido, Birman (2005) aponta para a chamada crise do sujeito, apresentando algumas dimensões para compreender o mal-estar contemporâneo, as novas formas de subjetivação e a clínica psicanalítica na atualidade: o não lugar do corpo, a expulsão do afeto, "o sujeito fora de si", a pobreza simbólica, o desamparo no mundo desencantado e a medicalização do social.

Diante disso, este artigo tem como objetivo analisar como determinadas configurações contemporâneas, especialmente aquelas associadas às tecnologias digitais e às lógicas de *performance*, que incidem sobre a subjetividade e se expressam na clínica psicanalítica. Busca-se, assim, compreender de que modo tais transformações se articulam a formas atuais de sofrimento psíquico, sem pressupor homogeneidade em seus efeitos, mas considerando as condições singulares de cada sujeito em sua relação com o laço social.

Do ponto de vista metodológico, este artigo configura-se como uma revisão narrativa da literatura, de abordagem teórico-qualitativa. As fontes organizam-se em dois eixos: obras canônicas da psicanálise freudiana e lacaniana, e produções contemporâneas das ciências humanas que problematizam as transformações da subjetividade frente à tecnologia digital e à lógica do desempenho. As conclusões advindas não têm caráter generalizante, mas visam oferecer uma leitura teoricamente sustentada sobre configurações subjetivas que, em determinados contextos, se expressam na clínica psicanalítica.

2 A SUBJETIVIDADE NA ERA DIGITAL

2.1 O conceito de sujeito na psicanálise

No campo psicanalítico, marcado por diferentes formulações acerca do sujeito, a obra freudiana inaugura uma concepção na qual este é pensado como dividido, atravessado pelo inconsciente e constituído a partir de conflitos entre instâncias — id, ego e superego —, além de conteúdos recalcados que retornam sob a forma de sintomas, atos falhos e sonhos.

Lacan (1957/1998) aprofunda o conceito de sujeito ao afirmar que o inconsciente é estruturado como uma linguagem. Desta forma, o sujeito não precede a linguagem, mas é por ela constituído, sendo representado por um significante para outro significante. Trata-se, assim, de um sujeito do desejo sempre marcado pela falta.

No campo lacaniano, a subjetividade se articula a três registros: o simbólico, o imaginário e o real (LACAN, 1953/1998). O simbólico corresponde ao campo da linguagem, da lei e das normas sociais; o imaginário, ao campo das imagens, das

identificações especulares; e o real é o que escapa à simbolização, o que retorna como furo, impossível de ser plenamente nomeado. São esses três registros que estruturam o psiquismo e suas manifestações sintomáticas.

Cabe, contudo, explicitar uma tensão que atravessa qualquer articulação entre psicanálise e cultura: se a estrutura do sujeito (constituída pela falta, pelo inconsciente e pela linguagem) é invariante no campo lacaniano, em que sentido as transformações históricas e tecnológicas a afetam, e não apenas modulam suas expressões sintomáticas? A posição sustentada neste artigo é que estrutura e cultura operam em registros distintos, mas não independentes.

A estrutura delimita o campo do possível para o sujeito; as condições histórico-culturais determinam os materiais simbólicos e imaginários com os quais esse campo se preenche e, em certos casos, pressionam os recursos disponíveis para lidar com a falta. É nesse nível — o do discurso e dos imperativos de gozo que ele produz — que as transformações contemporâneas incidem. O que a era digital altera não é a estrutura do inconsciente nem a divisão constitutiva do sujeito, mas o regime de gozo disponível e os objetos pelos quais o desejo se articula ou se esquiva.

Lacan (1969-1970/2008), ao formular o discurso capitalista como variante do discurso do mestre, já antecipava que certas configurações sociais podem produzir uma circulação de objetos de gozo que contorna a falta, não a eliminando estruturalmente, mas dificultando seu reconhecimento e elaboração.

Na contemporaneidade, especialmente em contextos mediados por tecnologias digitais, esses registros podem apresentar reconfigurações, nas quais o imaginário tende a ganhar maior destaque em um mundo saturado de imagens, *selfies*, *avatares* e perfis nas redes sociais. A exposição do eu idealizado intensifica-se, alimentando identificações narcísicas e relações pautadas pelo olhar do outro virtual, tal como descrito por Kallas (2016), ao afirmar que o mundo digital opera como uma vitrine onde o sujeito se vê movido a manter-se visível e desejável o tempo todo.

Em determinadas configurações, essa predominância do imaginário pode contribuir para o enfraquecimento da mediação simbólica, efeito que tende a ser mais acentuado em sujeitos cuja estruturação do laço com o Outro já se encontra fragilizada. Não se trata, portanto, de um efeito universal da tecnologia sobre o psiquismo, mas de uma

incidência que se diferencia conforme a posição subjetiva de cada sujeito e a consistência de seus recursos simbólicos.

O simbólico, enquanto campo da mediação e da alteridade pode ceder lugar a um imperativo de gozo que, ao invés de permitir a inscrição da falta, exige sua negação constante por meio de objetos de consumo e autoafirmação virtual.

Nessa lógica, o real pode retornar, e sintomas como o vazio existencial, a angústia sem nome, os estados depressivos e a hiperatividade subjetiva revelam a impossibilidade de simbolização plena da experiência (BIRMAN, 2005). O sujeito contemporâneo pode revelar-se desamparado diante da multiplicidade de discursos que frequentemente o convocam a ser tudo, o tempo todo.

Portanto, compreender o sujeito na era digital exige considerar não apenas sua constituição estruturada pelo inconsciente, mas também os atravessamentos históricos, tecnológicos e sociais que modulam sua experiência de si e do outro.

2.2 As novas formas de identificação e laço social

Na teoria freudiana, o sujeito é concebido como constituído em relação ao outro, não havendo sujeito isolado; o laço social constitui, assim, dimensão fundamental da constituição subjetiva. Em “Psicologia das massas e análise do eu” (FREUD, 1921/2011), Freud argumenta que o sujeito se forma na relação com o outro, por meio de processos de identificação, nos quais o Eu se estrutura a partir das imagens e ideais oferecidos pelo coletivo. Inicialmente há a identificação primária com figuras parentais, seguida por identificações secundárias com os ideais sociais, inscrevendo o sujeito em um campo simbólico partilhado, marcado pela cultura e pelas normas da civilização.

Na releitura lacaniana, o laço social é concebido como estruturalmente vinculado à linguagem. O sujeito é um efeito do discurso e a posição subjetiva é determinada pela relação com o significante e com o campo do Outro (LACAN, 1969-1970/2008).

Lacan sistematiza o laço social a partir do que ele chama de os quatro discursos — do mestre, do histérico, do universitário e do capitalista — um modelo conceitual para compreender as formas pelas quais os sujeitos se organizam em relação ao saber, ao gozo e ao desejo no laço social.

Em todos os quatro discursos, o desejo está presente como operador. O sujeito está sempre em relação ao desejo do Outro (obedecendo, resistindo, questionando ou analisando). O laço social, portanto, é sempre uma relação com o desejo e sempre atravessada pela falta.

No contexto contemporâneo, determinadas tecnologias digitais, especialmente aquelas organizadas em torno da visibilidade, da *performance* e da lógica algorítmica de engajamento, como as redes sociais, tendem a intensificar formas de identificação imaginária baseadas na imagem e no reconhecimento pelo outro.

Essa fragilização dos vínculos encontra ressonância na análise de Bauman (2004) sobre a modernidade líquida, na qual as relações tendem a se tornar provisórias, reversíveis e orientadas pela lógica do consumo, condição que no plano subjetivo pode dificultar a constituição de laços simbólicos mais duradouros e a sustentação do desejo.

O imediatismo dessas interações não implica, por si só, um empobrecimento dos vínculos. No entanto, quando associado a modos de uso marcados pela busca constante de reconhecimento e pela evitação da falta, pode favorecer relações mais instáveis ou utilitárias. Nesse cenário, a multiplicidade de interações não se traduz necessariamente em profundidade relacional, mas pode indicar dificuldades na sustentação do investimento objetal.

De modo semelhante, a construção de diferentes perfis e formas de apresentação de si no ambiente digital pode tanto ampliar possibilidades expressivas quanto, em alguns sujeitos, associar-se a experiências de fragmentação e instabilidade identitária. Tais efeitos, contudo, não são universais, devendo ser compreendidos a partir da posição subjetiva de cada indivíduo e das condições específicas de seu laço com o Outro.

2.3 O corpo na era digital

A tecnologia e a virtualidade nas relações humanas têm provocado transformações na maneira como o sujeito se relaciona com a realidade e com seu próprio corpo. A experiência corporal mediada pela presença física, pela linguagem e pela interação sensorial com o mundo, passa a coexistir com formas de presença digital, nas quais a imagem do corpo ganha centralidade em detrimento da vivência do corpo enquanto lugar de afeto e desejo.

Para a psicanálise, o corpo, além da sua dimensão biológica, também é compreendido como um corpo simbólico, atravessado pela linguagem e constituído pela inscrição do desejo. Para Lacan (1953/1998), o corpo é um “corpo falado”, estruturado pelas marcas do significante, e sua imagem é organizada a partir do estádio do espelho, momento em que o sujeito se reconhece em uma totalidade ilusória, constituindo o Eu por meio da identificação com a imagem de si. É nesse campo imaginário que o corpo se torna idealizado, capturado por formas de representação que nem sempre correspondem à experiência subjetiva.

Na era digital, essa dimensão imaginária do corpo, pode ser potencializada pelas tecnologias que promovem a exposição constante de imagens editadas, e performadas nas redes sociais. A imagem corporal pode passar a ser moldada por padrões estéticos que privilegiam determinados formatos de beleza e sucesso. A identidade corporal, antes construída em relação ao olhar do Outro presente, agora se organiza em função do olhar do Outro virtual, fragmentado, múltiplo e onipresente.

Em determinadas configurações, esse corpo pode ser predominantemente investido como imagem e *performance*, tornando-se objeto de comparação constante, o que pode contribuir para a intensificação de sentimentos de inadequação, baixa autoestima e desconexão com a vivência corporal real.

Birman (2005) aponta que, na contemporaneidade, o corpo torna-se um lugar privilegiado de inscrição do mal-estar, porque ele aparece como aquilo que resta quando os significantes falham. O excesso de imagens, a medicalização dos estados psíquicos e a estetização da existência podem favorecer o retorno do real sob a forma de sintomas: desconforto, angústia ou como tentativa de domínio total da aparência.

A hiperconectividade e o uso prolongado de dispositivos digitais também impactam a relação sensorial com o corpo e com o ambiente. Pode-se observar, em alguns casos, uma desconexão com o corpo, manifestada em formas de alienação subjetiva como cansaço crônico e distúrbios alimentares.

Nesse contexto, o espaço analítico pode favorecer a reinscrição simbólica do corpo, recolocando-o como lugar de fala e de desejo, e não apenas como objeto de exposição e avaliação.

3 O MAL-ESTAR NA CONTEMPORANEIDADE

3.1 As novas formas de sofrimento psíquico

Na contemporaneidade, é possível observar a emergência de formas de sofrimento psíquico que parecem se articular a transformações nas exigências sociais e tecnológicas. Trata-se de manifestações que, em determinados casos, revelam o colapso das instâncias simbólicas que sustentavam a subjetividade.

Byung-Chul Han (2017) descreve a atual configuração como “sociedade do desempenho”, na qual o sujeito se vê pressionado a explorar-se continuamente, orientado por ideais de produtividade, visibilidade e excelência. Essa dinâmica de constante autoaperfeiçoamento, intensificada pelas mídias digitais, pode expor o sujeito de maneira intensificada e, em alguns casos, dificultar movimentos de recolhimento e elaboração subjetiva.

As novas formas de sofrimento psíquico também se relacionam com um modo específico de regulação do desejo e da pulsão na contemporaneidade. Sem substituir o mecanismo do recalque, que permanece operante nas neuroses contemporâneas, o que se observa é uma cultura de excesso, na qual tudo pode e deve ser acessado de forma imediata, sem tempo para elaboração.

Clinicamente, essa configuração tende a se expressar de forma distinta conforme a estrutura do sujeito. Nas neuroses, o excesso pulsional pode intensificar a culpa ou o fracasso; nas chamadas patologias do vazio, ele pode se manifestar como compulsão, *acting out* ou somatização. A escuta analítica, nesse sentido, opera na singularidade da relação do sujeito com a falta e com o Outro, e não como uma resposta técnica padronizada ao sofrimento contemporâneo.

Em certos discursos contemporâneos, especialmente aqueles articulados à lógica capitalista, o sujeito é frequentemente convocado a ocupar uma posição de gozo contínuo. O sujeito é convocado a gozar, a desejar sem intervalo, a consumir afetos, imagens e experiências sem limites. Isso pode favorecer o surgimento de compulsões (por compras, consumo de conteúdo, alimentação, entre outros) como tentativas de lidar com a angústia e preencher um vazio que remete à falta estrutural do desejo.

3.2 A cultura do narcisismo e do individualismo

Na contemporaneidade, pode-se observar, em determinados contextos, o predomínio da imagem, a aceleração e intensificação dos acontecimentos, o excesso e a simultaneidade de informações, bem como de processos de fragmentação, situação na qual a solidez dos projetos, dos relacionamentos e da própria experiência do mundo pode, em alguns casos, apresentar fissuras narcísicas.

Em "A Cultura do Narcisismo" (2023), Christopher Lasch argumenta que o narcisismo, antes visto como uma patologia individual tornou-se uma característica cultural e social predominante na sociedade contemporânea, especialmente na segunda metade do século XX. No mesmo sentido, Birman (2012, p.147) observa que: "numa cultura narcísica como a nossa, permeada pela moral do individualismo como valor levada ao seu exagero, cada qual trata apenas da sua vida e considera o outro como o inimigo e o rival, seja isso real, seja potencial."

Verifica-se que o narcisismo, em sua versão contemporânea de autocentramento, pode ser pensado em estreita relação com o desamparo traumático, enquanto experiência desagregadora do psiquismo. Tal perspectiva conduz à reflexão sobre a especificidade dos laços construídos na atualidade, na medida em que esses, em certos contextos, não parecem oferecer a confiabilidade necessária para se apresentarem como fonte de segurança diante da própria capacidade de se lançar no encontro com o outro, assumindo os riscos que essa relação implica.

Freud (1914/2010) salienta que o narcisismo primário faz parte do processo natural do desenvolvimento do psiquismo. Ele o descreve como uma nova ação psíquica a partir da qual o eu se desenvolve, ou seja, é por meio desse investimento libidinal, advindo dos objetos primários no eu do sujeito, que se dará a constituição do eu, a formação dos ideais e, sua função de autoconservação e defesa.

Porém, se o objeto primário não for suficientemente bom, o indivíduo pode se afastar dos objetos externos, resultando em um fechamento em seu mundo interno, onde a energia psíquica é direcionada exclusivamente para o próprio eu. Nesses casos, configura-se formas de subjetivação em que a exaltação narcísica do eu opera como defesa frente a fissuras narcísicas e ao desamparo psíquico, evidenciando dificuldades na regulação do valor de si.

Para Birman (2005), o mal-estar da contemporaneidade está em primeiro lugar na incapacidade do sujeito de viver o tempo e a mudança que vem com ele. Quando ele sonha e se recorda do sonho, ele vive uma narrativa, mas hoje, ao invés do sonho, predomina o pesadelo e o pânico, que é traumático, e paralisa o sujeito em um espaço sem tempo.

Diante de experiências traumáticas não simbolizadas, o sujeito pode permanecer fixado a um estado de desamparo, com falhas na inscrição temporal e na possibilidade de elaboração compartilhada. Nessas condições, os excessos pulsionais tendem a não encontrar vias de representação, incidindo sobre o corpo como forma de inscrição do mal- estar.

André Green (1988) descreve um funcionamento narcísico de caráter desobjetalizante, marcado pelo desinvestimento objetal característico da dinâmica da pulsão de morte, levando ao desenvolvimento de um Eu frágil em sua estruturação, com dificuldade de simbolização e marcado pelo sentimento de perda de identidade, de desagregação e, principalmente, de vazio.

Portanto, pode-se supor que a intensificação da apresentação de si nas redes sociais se articule a uma busca de reconhecimento no campo do outro, operando como recurso de regulação narcísica frente a falhas na coesão do eu e a dificuldades na sustentação do valor de si.

Essa convocação ao olhar do outro pode estar articulada ao desejo de se constituir como objeto de desejo, na tentativa de tamponar falhas narcísicas. Christopher Lasch (1986) destaca, nesse sentido, o vazio que paira sobre a ambivalência entre individualismo e narcisismo, apontando para formas de subjetivação marcadas por instabilidade e sentimento de insuficiência. Nesse contexto, o narcisismo pode ser compreendido menos como autoafirmação e mais como uma organização narcísica marcada por falhas na coesão egoica, em que o eu se vê atravessado por experiências de vazio e por ameaças de desintegração. Nessas condições, a vida cotidiana tende a se organizar em torno de arranjos defensivos destinados à sustentação de uma mínima consistência psíquica. A apatia seletiva, o descompromisso emocional frente aos outros, a renúncia ao passado e ao futuro, a determinação de viver um dia de cada vez. (Lasch, 1986, p.47).

Outro aspecto refere-se à articulação entre narcisismo e os ideais contemporâneos de desempenho, que incidem sobre a organização narcísica ao reforçarem exigências ligadas ao ideal do eu. Nessas condições, o laço com o outro pode se constituir sob tensão, marcado por movimentos ambivalentes entre busca de reconhecimento e retraimento do investimento objetal.

Se, por um lado, os outros são necessários para a confirmação da imagem que cada um possui de si, por outro, eles se apresentam como ameaça indesejável por revelarem não apenas o quanto esse sujeito está distante do ideal, mas também sua vulnerabilidade ao sustentar a própria identidade em uma imagem.

Joel Birman (2005) observa que as subjetividades de hoje são em grande medida, narcísicas, isto é, subjetividades autocentradas, porém exteriorizadas, uma vez que buscam a si mesmos no olhar admirado que o outro possa ter diante da sua imagem e desempenho.

Considerando a cultura do individualismo na qual estamos inseridos, deparamo-nos com manifestações de dor psíquica motivadas mais pela exigência de prazer do que pela restrição a ele. O sujeito contemporâneo se vê aprisionado na promessa enganosa de obtenção de liberdade de prazer irrestrito, sem se dar conta da sua submissão às imposições sociais, que mais apontam para um controle disciplinar do que para possibilidade do livre exercício de seu desejo.

A partir disso, pode-se observar uma nova forma de mal-estar na civilização, em contraste com aquela descrita por Freud em “O mal-estar na civilização” (1930/1996), onde predominava uma cultura repressiva que cerceava o indivíduo, impedindo a satisfação das pulsões agressivas e sexuais.

Na contemporaneidade, vivemos em uma sociedade que cultua a liberdade individual, com valor hegemônico, estimulando a busca constante por prazer, o que paradoxalmente, resulta em uma experiência de insuficiência e fracasso (EHRENBERG, 1998 apud GARCIA; COUTINHO, 2004). Em termos psíquicos, tal situação apresenta-se na forma de um excesso pulsional vivido como angústia.

Enquanto Freud enfatizava os efeitos da repressão das pulsões, hoje é essencial considerar os impactos psíquicos da exigência por prazer ilimitado, acentuada pela fragilidade das referências simbólicas. Nesse sentido, se o poder absoluto é uma

realidade, a frustração torna-se um efeito inevitável, pois o sujeito estará sempre em busca de maior êxito, e a impossibilidade dessa realização logo se mostrará evidente.

Para Han (2017), uma das características da sociedade contemporânea é que o sujeito de desempenho não precisa mais ser disciplinado e está livre da instância externa de domínio que o obriga a trabalhar ou que poderia explorá-lo. “É senhor e soberano de si mesmo”. (Han, 2017, p.21).

No entanto, o desejo pela *performance* se entrega à liberdade compulsiva, levando a um processo de auto exploração, em que as doenças psíquicas da sociedade contemporânea são apenas manifestações dessa liberdade paradoxal, um resultado da inabilidade do sujeito de ser deixado para si mesmo.

Conforme Han (2017), as doenças psíquicas da sociedade contemporânea teriam origem no exagero da positividade, constituindo-se como uma violência que não vem apenas de fora, mas do próprio sujeito. Esta violência se revela em ações como a superprodução, a hiperatividade, o super desempenho e a super comunicação, que foi facilitada por meio das plataformas digitais.

Dessa forma, a sociedade da *performance* constitui-se em uma sociedade que não possui espaço para o descanso e o tédio, mesmo que para vencê-los seja necessário recorrer ao doping ou medicamentos que visam superar o esgotamento.

De acordo com Oliveira (2018), na sociedade do desempenho, sentimentos ou emoções de ordem negativa são rejeitados, visando a maximização da *performance*, já que esses sentimentos passam a serem vistos como improdutivos.

Dessa forma, a cultura do narcisismo e do individualismo tem exercido grande influência nas configurações subjetivas contemporâneas. Nesse cenário, torna-se imprescindível um olhar cuidadoso para esse campo, pois, a partir do tensionamento promovido pela reflexão, podem emergir, de seu próprio núcleo, saídas criativas — não frutos da ilusão narcísica da onipotência, mas possibilidades genuínas de ações renovadoras para enfrentar a realidade apresentada.

3.3 O papel da psicanálise na escuta do sofrimento

A escuta do sofrimento psíquico na contemporaneidade coloca desafios que demandam a ampliação de abordagens, capazes de lidar com a complexidade e a

velocidade das transformações. A psicanálise, com sua ênfase na singularidade do sujeito e na elaboração simbólica, pode oferecer um espaço relevante para a construção de narrativas que ressignificam a experiência do mal-estar.

Barreto (2017, p. 80) destaca a importância de pensar um futuro aberto para a psicanálise:

> É na perspectiva de futuro não preconcebido que floresce a esperança de a psicanálise e a clínica psicanalítica se apresentarem como potencialidades de existência do ‘sujeito desejante’, não coisificado pelos processos massivos de colonização, assujeitamento e exploração humana no amanhã, visto que compreendemos a psicanálise como uma instituição da contracultura, pois não segue a lógica do contexto.

A visão do autor convida a repensar o papel da psicanálise na contemporaneidade, não como mera adaptação às tendências dominantes, mas como um espaço de resistência e transformação, criando possibilidades para o "sujeito desejante". Essa perspectiva suscita o questionamento: de que modo a psicanálise, enquanto contracultura, pode se posicionar diante das forças homogeneizadoras da sociedade atual?

A resposta a esse questionamento não é unívoca, e pode ser pensada na própria natureza da psicanálise, que se constitui como uma prática que pode operar como contraponto a discursos que tendem a normatizar o sujeito de acordo com padrões preestabelecidos. Ao se configurar como uma instituição da contracultura, a psicanálise se propõe a desafiar os discursos homogeneizadores.

Barreto (2017, p.80) ressalta ainda que “os psicanalistas produzem efeitos de mudança no ‘contexto’ e nas subjetividades”, ou seja, os psicanalistas, ao intervirem nas relações e nos discursos, contribuem para a mudança do contexto social em que os indivíduos estão inseridos, uma vez que ao promoverem a elaboração simbólica e a construção de novas narrativas, há possibilidades de transformação da subjetividade, permitindo que o sujeito se torne mais consciente de si mesmo e de suas relações com o mundo.

Nesse sentido, o futuro da psicanálise pode ser pensado em articulação com os modos contemporâneos de laço social, com as possibilidades de relações sociais mais autênticas e com a construção de um pacto civilizatório que priorize a escuta e o cuidado com o sofrimento psíquico.

A era digital, com suas demandas e estímulos constantes, tem produzido impactos relevantes na subjetividade, podendo, em alguns contextos, intensificar experiências de mal-estar, sensação de inadequação e fragmentação identitária. Nesse cenário, o papel da clínica psicanalítica com a mediação simbólica se torna ainda mais relevante, uma vez que a linguagem e a comunicação vêm assumindo novas configurações.

A mediação simbólica permite ao sujeito dar sentido ao seu sofrimento e construir uma narrativa coerente sobre sua própria história, ressignificando suas experiências e fortalecendo seu senso de identidade, oferecendo assim, um contraponto à fragmentação e à desorientação características da era digital.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As transformações contemporâneas da subjetividade, atravessadas pela influência das tecnologias digitais e pela cultura do desempenho e do narcisismo, revelam novas configurações do mal-estar psíquico. A fragmentação identitária e o predomínio do registro imaginário podem, em determinados contextos, evidenciar não uma alteração da ordem simbólica enquanto tal, mas uma dificuldade do sujeito em acessar seus recursos simbólicos diante de condições culturais que tendem a saturar o campo com imagens e imperativos de gozo imediato.

Nesse contexto, a clínica psicanalítica reafirma sua relevância como espaço singular de escuta e de mediação simbólica, ao proporcionar o tempo e o ambiente necessários para a elaboração do sofrimento e a reconstrução da narrativa subjetiva. Essa relevância se atualiza a cada vez na clínica singular, no manejo da transferência, na escuta do que retorna como sintoma, no tempo oferecido à palavra em uma cultura que progressivamente o suprime.

A tensão entre estrutura e cultura, revela-se produtiva para a clínica, convocando o analista a um cuidado: não reduzir questões sociais a problemas individuais — como se, por exemplo, a era digital fosse, por si só, causadora de sofrimento — nem ignorar o contexto histórico do sujeito, como se aquilo que ele vive não tivesse relação com o tempo em que está inserido. O que a psicanálise oferece, nesse sentido, é precisamente uma escuta que mantém abertas essas duas dimensões: a singularidade estrutural de cada sujeito e a inscrição histórica de seu sofrimento no laço social que o constitui.

A psicanálise, ao se posicionar como prática que tensiona discursos homogeneizadores revela-se fundamental para desafiar as forças uniformizadoras que influenciam a subjetividade, abrindo espaço para a resistência e a reconstrução do sujeito desejante.

A articulação entre a escuta psicanalítica e a análise crítica das transformações sociais e tecnológicas contribui para a ampliação das possibilidades de compreensão das formas contemporâneas de sofrimento psíquico. Nesse sentido, garantir espaços analíticos que favoreçam a mediação simbólica é essencial para acolher a singularidade do sujeito e permitir processos criativos de transformação subjetiva, fundamentais para a construção de relações sociais mais genuínas e duradouras.

[1] Psicanalista Clínica. Santos Dumont - MG, Brasil. Email: anapaulaperoni@gmail.com ORCID: https://orcid.org/0000-0001-6262-8598

[2] Email: sabrinakaram@gmail.com ORCID: https://orcid.org/0009-0004-8443-7855

REFERÊNCIAS

BARRETO, Ricardo Azevedo. Sobre o futuro da psicanálise no mundo das coisas. **Estudos de Psicanálise**, Belo Horizonte - MG, n. 48, p. 79–88, dez. 2017.

BAUMAN, Z. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Zahar, 2004

BIRMAN, J. **Mal-estar na atualidade**: a psicanálise e as novas formas de subjetivação. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

BIRMAN, J. **O sujeito na contemporaneidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

FREUD, S. Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916). In: FREUD, S. **Obras Completas**, v. 12. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, S. Psicologia das massas e análise do eu (1921). In: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XVIII**. Rio de Janeiro: Imago, 2011.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização (1930). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. XXI. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GARCIA, C. A.; COUTINHO, L. G. Os novos rumos do individualismo e o desamparo do sujeito contemporâneo. **Psychê**, São Paulo, v. 8, n. 13, jun. 2004.

GREEN, A. **Narcisismo de vida, Narcisismo de Morte.** São Paulo: Escuta, 1988.

HAN, B-C. **Sociedade do cansaço**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

KALLAS, M. B. L. de M. O sujeito contemporâneo, o mundo virtual e a psicanálise. **Reverso**, Belo Horizonte, ano 38, n. 71, p. 55–64, jun. 2016.

LACAN, J. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud (1957). In: LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar,1998.

LACAN, J. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise (1953). In: LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar,1998.

LACAN, J. **O seminário, livro 17**: O avesso da psicanálise (1969-70). Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

LASCH, C. **A Cultura do Narcisismo:** A vida americana em uma era das expectativas decrescentes. Estados Unidos: Fósforo, 2023.
LIPOVETSKY, G. **A era do vazio**: ensaios sobre o individualismo contemporâneo. Barueri, SP: Manole, 2005.

OLIVEIRA, G. Resenha: HAN, Byung-Chul. Sociedade do cansaço. Tradução de Ênio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2015. 80 p. **Horiz. antropol**., v.24, n. 52, set.-dez. 2018.

SADALA, G.; SANTOS, K. B. dos. A psicanálise como possibilidade de escuta do mal-estar na contemporaneidade. **Estilos da Clínica**, São Paulo, v. 27, n. 2, p. 264-279, 2022.